

## EPISÓDIO DO INIMIGO

Tantos anos fugindo e esperando e agora o inimigo estava em minha casa. Da janela, vi-o subir penosamente pelo áspero caminho da colina. Ajudava-se com uma bengala, com uma torpe bengala que em velhas mãos não podia ser uma arma porém um báculo. Custou-me a perceber o que esperava: a débil batida na porta. Não sem nostalgia, olhei meus manuscritos, meu borrão semiconcluído e o tratado de Artemidoro sobre os sonhos, livro um tanto anômalo aí, uma vez que não sei grego. Outro dia perdido, pensei. Tive de forcejar com a chave. Receei que o homem desfalecesse, porém deu uns passos incertos, soltou a bengala, que não tornei a ver, e caiu em minha cama submisso. Minha ansiedade o tinha imaginado muitas vezes, mas só então notei que ele se parecia, de um modo quase fraternal, com o último retrato de Lincoln. Seriam as quatro da tarde.

Inclinei-me sobre ele para que me ouvisse.

— A gente crê que os anos passam para um — lhe disse — mas passam também para os demais. Aqui por fim nos encontramos e o que ocorreu antes não tem sentido.

Enquanto eu falava, ele tinha desabotoado o sobretudo. A mão direita estava no bolso do paletó. Algo apontava para mim e eu percebi que era um revólver.

Disse-me então com voz firme:

— Para entrar em sua casa, recorri à compaixão. Tenho o agora à minha mercê e não sou misericordioso.

Tentei umas palavras. Não sou um homem forte e só as palavras poderiam salvar-me. Atinei em dizer:

— É verdade que faz tempo maltratei um menino, mas você já não é aquele menino nem eu aquele insensato. Além disso, a vingança não é menos vaidosa que o perdão.

— Precisamente porque já não sou aquele menino — replicou-me — tenho de matá-lo. Não se trata de uma vingança mas de um ato de justiça. Seus argumentos, Borges, são meros estratégias de seu terror para que eu não o mate. Você já não pode fazer nada.

— Posso fazer uma coisa — respondi-lhe.

— O quê? — perguntou-me.

— Despertar.

E assim o fiz.

ACERVO  
Dr. Francisco José Alves  
Aracaju - Sergipe